

Maior consumidor de água no Brasil, setor agrícola se defende e prega a precificação, educação e investimentos como soluções

Thiago de Araújo
Foto: brasilpost
www.brasilpost.com.br



A cada 100 litros de água tratada produzidos no Brasil, 72 vão para o agronegócio. Isso significa dizer que 70% do abastecimento é endereçado à agricultura e à pecuária, segundo dados recentes da [Agência Nacional de Águas \(ANA\)](#) e do **Fundo das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO, na sigla em inglês)**. Bem atrás aparecem a indústria e a mineração com 12% do consumo, enquanto a população recebe só 4%. Seria então o campo o vilão da crise?

Nas redes sociais, há quem defenda que se "feche a torneira do agronegócio". Mas não é assim que o presidente da **Sociedade Rural Brasileira (SRB)**, **Gustavo Diniz Junqueira**, pensa. Em entrevista ao Brasil Post, o dirigente acredita que o País vive uma busca por culpados para a crise hídrica, mas reforça que o agronegócio está longe de merecer os dedos acusadores apontados para si. Assim como a população, **a agricultura também é vítima**, segundo ele.

“Nós viemos olhando com bastante preocupação há bastante tempo. É uma crise anunciada e construída porque o Brasil cresceu muito, com a população concentrada em grandes centros urbanos. Se pegar os anos 50 e 60, a nossa economia era simples e hoje passou a ser complexa e diversa em todos os setores. Não somos mais importadores de alimentos e não tivemos a devida preocupação com os recursos naturais. Não houve administração pensando no futuro”, disse.

De fato, o Brasil não utiliza uma quantidade de água absurda no setor agrícola se comparado com países como Austrália e Estados Unidos. De acordo com dados da SRB, dos 60 milhões de hectares dedicados à agricultura no País, apenas 10%, ou seja, 6 milhões de hectares, são irrigados. Como explicar o alto consumo? O problema passa por técnicas como o plantio direto, que retém água no solo – utilizada em pouco mais de 30 milhões de hectares – e o grande desperdício nas áreas irrigadas.

Conforme apontam dados do Sistema Nacional de Informações sobre o Saneamento (Snis), vinculado ao Ministério das Cidades, a média diária de consumo de cada brasileiro é de 150 litros, o que corresponde a uma média anual de 10,4 trilhões de litros. Desse total, a agricultura recebe pouco mais de 7 trilhões de litros, dos quais 3 trilhões acabam desperdiçados, seja por irrigações executadas de maneira incorreta, ou ainda pela falta de controle do produtor.

Para Gustavo Diniz Junqueira, as informações vinculadas ao agronegócio escondem um fato importante: a maior quantidade de água usada na agricultura, sobretudo pelos grandes produtores, vem da chuva e de métodos tecnológicos mais modernos. **O desperdício, quando existe, se dá em maior grau entre os pequenos produtores.** Para combatê-lo, é necessário investimento em educação, na opinião do executivo. O atual momento ajuda na discussão desse e outros problemas.

“Você tem que levar em consideração que, dos principais produtos exportados, sendo que a soja produzida no Centro-Oeste tem uma posição de destaque aqui, possui um percentual de irrigação. A grande parcela dos que irrigam com água do abastecimento é o pequeno produtor. O grande produtor usa alta tecnologia. Acho que no Brasil temos ainda um problema de educação nesse sentido, uma vez que 5% dos fazendeiros, dos produtores rurais, são responsáveis por 90% da produção agrícola bruta”, explicou. E Junqueira completa:

“Existe esse entendimento equivocado também quando se fala em excesso no uso de agrotóxicos. Hoje há uma alta tecnologia, na qual o insumo é o maior custo na produção agrícola. Ninguém vai comprar algo para jogar fora. O que pode acontecer é o fato de pequenos e médios produtores eventualmente usarem técnicas erradas, por má orientação e falta de entendimento daquilo. É o mesmo raciocínio quanto ao uso da água”, emendou.

A precificação

Ambientalistas são amplos defensores da cobrança pelo uso da água utilizada pelo agronegócio, assim como já funciona para o setor industrial em pelo menos cinco bacias que possuem comitês atuantes no Estado de São Paulo. Em outras 16 bacias paulistas, não há comitês atuando na cobrança pela utilização da água, tanto para a indústria quanto pela agricultura. Do outro lado, o agronegócio não nega que o raciocínio faça sentido, por isso defende a discussão acerca da precificação.

Isso significa dizer que, tão logo o agricultor, do pequeno ao grande, passe a ser obrigado a pagar pela água, esse custo adicional irá atingir o consumidor final. Assim sendo, o debate se faz necessário, segundo a SRB. “Temos que levar em consideração que a agricultura se faz segundo a demanda do consumidor. Se existe hoje uma precificação errada da água, a precificação dos alimentos também está errada. É esse o meu ponto. A água é um bem muito mais caro do que está sendo levado em conta”, comentou Junqueira.

A atual crise hídrica já vem afetando a produção brasileira, sobretudo entre os pequenos produtores, principais responsáveis por alimentos hortifrutigranjeiros, como as verduras, legumes e frutas. Isso significa automaticamente aumento de preços para o consumidor, diante da demanda menor, e desemprego no campo, que já se vê assolado por perdas. Os grandes produtores também não estão a salvo. A produção de cana de açúcar em São Paulo, responsável por 60% do total no País, já aponta para uma queda de 5% em 2015.

Soluções

Além do debate quanto ao preço da água, **o setor agrícola também defende a busca por soluções**. Se o agricultor precisa desperdiçar menos água, ele também deveria ter mais benefícios que o auxiliassem a produzir mais alimentos e com mais qualidade, levando em conta os custos. Junqueira disse que o momento é propício para abordar temas importantes, como a discussão para construção e aprovação de barragens. É um tema em que o agronegócio e ambientalistas estão distantes em um consenso.

E não é só. A situação da Grande São Paulo, com os seus rios mais próximos totalmente poluídos, não passa longe do olhar do agronegócio. O cuidado com a água e os investimentos em saneamento são importantes, de acordo com o presidente da SRB. “Se quiséssemos hoje bombear essa água dos grandes rios para as lavouras, não poderíamos. Todo o sistema de saneamento no Brasil não funciona, os prefeitos têm poder sobre as empresas de saneamento nos municípios, querem cobrar pela água, mas não retornam esse dinheiro em investimentos. O sistema está falido e precisamos discutir isso também”.

Por fim, Junqueira também sugere uma maior participação do governo federal no auxílio aos produtores, sobretudo os pequenos. Ele sugere a criação de **uma espécie de ‘Bolsa Agricultor’**, a exemplo do Bolsa Pescador que já existe. “Se você cortar o abastecimento de um pequeno produtor que usa irrigação, ele não terá como sobreviver. Pega o exemplo do **Bolsa Pesca**, no qual ele recebe por seis meses para não pescar durante o período de reprodução dos peixes. É preciso pensar em uma solução para essas famílias nesse momento”, argumentou.

Em Brasília, a questão da água na agricultura está no radar da ministra **Kátia Abreu**. “É claro que temos uma crise hídrica, mas temos a água como compromisso desde a posse no ministério. Ela será um produto a mais na nossa cesta”, destacou, em recente encontro com os demais ministros da presidente Dilma Rousseff. Apesar do mês de janeiro ter apresentado uma umidade do solo abaixo da média histórica em diversas culturas, a ministra não acredita em aumento dos preços. “É coisa sazonal, já vimos no passado o caso do tomate, não é estrutural.”

O presidente da SRB vê Kátia como a pessoa “com conhecimento” para tratar do tema, uma vez que ela “entende a dinâmica do agronegócio”. Junqueira também espera do governo mais incentivos para reproduzir cases de sucesso no uso da água no setor, citando o exemplo da Cutrale, maior produtora de suco de laranja do Brasil, a qual, de acordo com dados apresentados por ele, devolve 1,5 litros de água ao meio ambiente a cada litro consumido no processo. “Essas tecnologias estão disponíveis. É preciso incentivo”, pontuou.